

SEGUNDO ENCONTRO DA PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO E INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM FRANCÊS

NOME: Walter

SOBRENOME: Mendes dos Santos

TÍTULO: Temas stendhalianos e intertexto balzaquiano em Lima Barreto

ORIENTADOR: Prof. Dr. Gilberto Pinheiro Passos

OBSERVAÇÃO: Pesquisa financiada com bolsa da Capes

Nossa pesquisa para a tese doutoral pretende analisar o intertexto de *Illusions Perdues* (de Honoré de Balzac) na construção de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (de Lima Barreto), bem como a presença de *Le Rouge et le Noir* (de Stendhal) como fonte comum a ambos os romances. Usando pressupostos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva e Jenny Laurent, bem como a lição alencariana do “tamanho da sociedade fluminense”, buscamos levantar o chão cultural comum aos romances balzaquiano e barretiano e sistematizar os indícios de aproveitamento criativo do texto balzaquiano na economia narrativa de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

O diálogo intertextual manifesta-se na semelhança tanto dos temas discutidos quanto da trajetória dos protagonistas de *Illusions Perdues* e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. A confluência temática entre as obras gira em torno das críticas à imprensa: o tráfico de influência, a exploração de escândalos, o caráter mercantil dos jornais, a relação promíscua com o poder e as artes, a valorização da subliteratura e o ataque à honra individual. Registrando literariamente o jornalismo em sua fase de transição (na França e no Brasil) para poderoso empreendimento industrial, os romances apresentam uma galeria de personagens jornalistas composta por profissionais moralmente corruptos, eticamente questionáveis e intelectualmente maquiavélicos.

Contudo, os paralelos entre os romances são mais profundos quando analisamos o percurso de Lucien de Rubempré e Isaías Caminha. Em ambos encontramos:

- a ambição de um protagonista caracterizado como jovem intelectual criado na província (Angoulême/interior de Minas Gerais), com formação e pretensões literárias (poeta local/estudante aplicado);
- o deslocamento deste protagonista para a Capital do país (Paris/Rio de Janeiro) em busca de glória pessoal, mas com reconhecimento intelectual fracassado;
- o abandono pelo benfeitor (Madame de Bargeton/Deputado Castro) que o decepciona já nos primeiros dias na Capital, a miséria e provações no período de adaptação, a hospedagem num hotel modesto e as visitas frequentes à biblioteca pública;
- a feitura de amigos desinteressados, pertencentes a um círculo intelectual (o Cénacle/os positivistas), que os ajudam nas dificuldades da pobreza, promovem discussões filosóficas com eles e os advertem dos perigos e vícios da imprensa;
- a entrada na imprensa graças a um amigo jornalista (Etienne Lousteau/Gregoróvitch Rostóloff), em quem buscam afeto emocional e apoio financeiro;
- a descrição dos desvios do ideal liberal por parte da imprensa, apresentados durante a trajetória do protagonista dentro da redação do jornal e manifestos no tráfico de

influência praticados na relação entre os jornalistas e o público para fins pessoais escusos;

- a denúncia de que o sucesso e consagração literários dos escritores novatos depende das relações que estes mantêm ou devem manter com os jornalistas;
- o êxito relativo e temporário do protagonista na carreira jornalística, a capacidade gradual de corrupção inerente à imprensa e a saída final dos protagonistas do mundo do jornal.

Além desse intertexto, os romances de Honoré de Balzac e Lima Barreto partilham também a leitura comum de *Le Rouge et le Noir*, de Stendhal, retomando o mito de Napoleão (que encarna o ideal do arrivismo social) e o tema do provinciano na Capital. Ainda que Lucien não partilhe da devoção explícita de Julien ao general, seu ideal jovem de transcender o ambiente da província e vencer em Paris, conseguindo a glória pessoal no campo literário, claramente se inspira no mito napoleônico presente na sociedade francesa pós-revolucionária e abordado previamente no romance stendhaliano. Segundo o narrador, esse ideal conduziu Lucien e vários outros jovens de seu tempo à ruína. A presença de *Le Rouge et le Noir* pode ser observada de forma ainda mais evidente na lição de Vautrin – um homem travestido de padre – ao Lucien prestes a suicidar-se. Ele ensina ao jovem que o general mantinha valores flexíveis o suficiente para negociá-los na realização de suas ambições, o que conduziu Napoleão ao ponto aonde chegou, e não meramente uma suposta força de vontade ou reconhecimento inevitável do seu talento.

Já em Lima Barreto, a presença do romance stendhaliano aparece já na abertura de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Antes de o jovem ingressar nos estudos, o pai – que, nada coincidentemente, é um padre – informa ao narrador que este nascera no mesmo dia em que Napoleão venceu uma importante batalha e isso o leva a alimentar grandes impressões de grandeza e sucesso. Quando Isaías Caminha, já no Rio de Janeiro, sofre mais uma de várias situações de racismo, ele compara à cena a uma em que Julien declara: “Ce sont sans doute de tels moments qui ont fait les Robespierre”. Mais à frente, o narrador Isaías Caminha reflete sobre a elaboração e objetivos das memórias que constituem o romance. Deplorando as fórmulas prontas e a limitação de ideias dos colegas jornalistas, ele apresenta o *Le Rouge et le Noir* como um dos vários modelos de que se serviu, entre autores russos, franceses e portugueses.

Todos esses elementos constituem um forte argumento contra a fortuna crítica tradicional de Lima Barreto. Desde o seu aparecimento, a crítica literária tem classificado *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* como um *roman à clef*, isto é, um romance baseado em fatos reais e, neste caso, marcado pelo ressentimento e vingança pessoal do autor contra os campos jornalístico e literário da época. Apesar de recorrente, esse reducionismo da obra barretiana pode ser facilmente refutado pela compreensão da natureza do romance e dos personagens, pelo conceito de pacto autobiográfico de Phillipe Lejeune, além da refutação do próprio Lima Barreto sobre esse assunto.

A presença do intertexto balzaquiano e dos temas stendhalianos apontam primeiramente a inserção de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* na tradição literária ocidental, convidando-nos a uma releitura do romance como um marco importante no cânone das letras em língua portuguesa. Tal releitura, contudo, se estende muito além de uma mera cópia, reprodução e/ou inspiração do preliminar balzaquiano. Se em Machado de Assis

temos a “representação de uma corte afrancesada” no Rio de Janeiro (conforme Gilberto Pinheiro Passos), em Lima Barreto encontramos um crítico da *Belle Époque* carioca: apontando em seus romances uma Capital que se reforma apenas exteriormente, buscando parecer com Paris a qualquer custo, mas repleta de contradições entre o ideário estrangeiro importado e a estrutura social nacional. Das páginas de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* emerge uma França claudicante, replicada em miniatura – a imagem literária da reforma urbana à francesa conduzida no Rio de Janeiro.

Com *Illusions Perdues*, Balzac retrata mais um quadro na história de costumes na sociedade francesa da Restauração. Quando aproveita o texto balzaquiano, porém, Lima Barreto usa a trajetória de Lucien de Rubempré para denunciar o atraso nacional escamoteado no processo de modernização defendido pela República Velha. Ele revela as “mãos mais fortes que a dos homens”, conforme o narrador, a fechar ou abrir o caminho da ascensão social de indivíduos como Isaías Caminha. Mãos etéreas e invisíveis de uma sociedade marcada pelos anacronismos de sua rede de favores e exclusões, cujo microcosmo é a imprensa – que aprofunda tal retrocesso ao mesmo tempo em que proclama combater esse estado de coisas.